Exploração de bauxita em Porto Trombetas (PA)

# Amazônia infernal

No relato de uma viagem de Manaus a Belém, jornalista espanhol mostra a floresta como um encontro de civilizações muito diferentes e cujo denominador comum é o asfalto

Luciana Christante
lchristante@reitoria.unesp.br

"Seria tão fácil ser um escritor turístico, construir páginas despreocupadamente, colocar alguns parágrafos de história, em seguida frases descritivas, alguma sensação. Depois, tomar um barco rio abaixo sem questionar se estamos pisando no céu ou no inferno", reflete o jornalista madrilenho Bernardo Gutiérrez na pág. 132 de seu livro *Calle Amazonas* (Rua Amazonas), inédito no Brasil, mas disponível nas principais redes de livrarias.

Ao optar pelo inferno, Gutiérrez produziu um relato que é a antítese daquela visão amazônica cristalizada em programas como o *Globo Repórter*, com a qual a grande maioria dos brasileiros sonha e se contenta, sempre a uma confortável distância da selva. Aquela visão onde cabem apenas belezas naturais, encantos e curiosidades da flora e da fauna, com forte viés preservacionista, que, aliás, predomina também na maioria dos títulos sobre o tema que se encontram em livrarias. Exceção seja feita a certos ficcionistas nativos de veia crítica, como os manauaras Miltom Hatoum e Márcio Souza, não por acaso, referências importantes para o viajante espanhol.

Causa certa estranheza que *Calle Amazonas* apareça no último número da revista acadêmica *Patrimônio e Memória*, publicada pelo Centro de Documentação e Memória (Cedap) da Unesp em Assis, em um dossiê intitulado "Narrativas de viajantes". Nele figuram uma série de artigos de historiadores sobre a literatura de viagem produzida por exploradores europeus que passaram pelo Brasil entre os séculos 16 e 19. (Um deles, de autoria de Jean Marcel França, do câmpus de Franca, deu origem à reportagem "Revisão do Paraíso", que começa na pág. 26 desta edição.)

Em meio a tantos autores que morreram há séculos encontramos este viajante contemporâneo, nascido em 1975, cujo primeiro livro é analisado pelo historiador Antonio Roberto Esteves, do câmpus de Assis. Para o pesquisador, a obra de Gutiérrez, embora seja uma história verídica, guarda o tom fabulador que é próprio da tradição da literatura de viagem, cujo marco fundador é a *Odisseia* de Ulisses. "O mundo de sonho e fantasia que ele [Gutiérrez] coloca à sua disposição para tecer seu relato funciona como uma espécie de espelho do mundo real, capaz de fazer o leitor suportar, pela fantasia, o pesado fardo das experiências cotidianas", analisa Esteves.

*Calle Amazonas* relata uma viagem solitária feita por seu autor em 2008, que começa em Manaus e termina em Belém. Uma viagem planejada, cujo roteiro foi pensado com base em perambulações na região feitas nos cinco anos anteriores. Quando perguntado por um blogueiro do jornal espanhol *La Vanguardia* por que o livro recebeu esse nome, Gutiérrez fala da Amazônia que optou por revelar aos leitores de seu país:

"Porque resume a floresta que vi e quis mostrar, um ponto de encontro de civilizações muito diferentes onde o denominador comum é o asfalto e o elemento urbano. A floresta hoje, deixando de lado as reservas indígenas e os pássaros, é favela, fábricas. Mesmo onde não há cidades há urbanidade: consome-se internet, heavy metal e techno... A civilização ocidental chegou profundamente ali e por isso escolhi o símbolo da rua [*calle*, em espanhol] para dar título ao livro, porque é um dos elementos mais representativos da cidade no Ocidente".

Em Manaus, o jornalista visitou índios favelados que esperam há anos dos políticos antigas promessas eleitorais, bem como empresas da Zona Franca, com seus assessores de imprensa de discursos ensaiados pró-desenvolvimento. Em Maués (AM), conheceu a plantação de guaraná dos índios sateré mawé, que ainda não sucumbiram às sementes da Ambev (que dizem serem geneticamente modificadas).

Em território paraense, testemunhou a carência de uma comunidade quilombola, sem escola e posto de saúde, próxima a um grande polo explorador de bauxita, Porto Trombetas, que tem clubes de lazer e aeroporto. Em Santarém, deparou-se com o reinado da soja. No município de Pacajá, acompanhou uma operação da Polícia Federal para resgatar trabalhadores em regime de escravidão.

A parada em cada destino ou o tempo que passou em barcos para chegar até ele vão muitas vezes acompanhados de referências históricas ou literárias, baseadas em uma bibliografia que inclui Euclides da Cunha, Guimarães Rosa e Claude Lévi-Strauss, para citar os mais conhecidos.

Assim conhecemos, por exemplo, as origens de Fordlândia (PA), a antiga Vila Americana fundada na década de 1930 por Henry Ford nas margens do rio Tapajós. O magnata americano foi responsável pela segunda febre da borracha na Amazônia e deixou como legado uma das "histórias mais alucinantes da floresta", que por sua teimosia acabou em grande fiasco.

"O principal erro de Henry Ford foi mais científico que cultural", escreve Gutiérrez. "Seus técnicos plantaram cerca de um milhão e meio de seringueiras de forma simétrica, desconhecendo que a *Hevea brasiliensis* cresce disseminada na mata. Se cultivadas intensivamente, tronco com tronco, as árvores sucumbem às pragas. Fordlândia não conseguiu sequer uma colheita de borracha. Mas Ford não se rendeu. Em 1934 fundou, na mesma margem do rio Tapajós, Belterra, sua segunda oportunidade sobre a terra. Trouxe sementes da Malásia, mais resistentes às pragas. Mas repetiu o mesmo esquema, sem mudar uma vírgula do seu plano inicial."

O livro deste viajante do século 21 merece ser traduzido para o português. A Amazônia que ele descortina certamente surpreenderá muitos brasileiros, sobretudo aqueles para quem o nosso maior bioma não vai muito além de vitórias-régias, sucuris, hotéis luxuosos suspensos em árvores e os bois folclóricos do Festival de Parintins.

**Calle Amazonas – De Manaos a Belém por el Brasil olvidado**
Bernardo Gutiérrez | Altair |R$ 60

**Trecho**

Santarém surge da noite, com um distante resplendor laranja. O taxista que me leva ao centro da cidade diz que chegamos ao porto da Cargill, a multinacional americana de grãos que semeou polêmica na região. Em 1999, a Cargill construiu um porto privado numa idílica praia de água doce, a única da cidade. Deste porto começou a exportar soja amazônica para o mundo. Entre março de 2005 e fevereiro de 2006, saíram daí 220 mil toneladas de soja com destino a Liverpool. O porto fechou em maio de 2006 por não ter licença ambiental. Mas foi um pequeno parêntese: agora funciona a todo gás [...] Sabemos que Santarém, aquela pequena aldeia jesuíta, já tem 305.089 habitantes, que favelas abrigam os desalojados da floresta. E que a cidade desemboca na Autopista do Inferno, a BR163, que vem de Cuiabá. Claude Lévi-Strauss, em seu *Tristes Trópicos*, narra que no início do século 20 os quilômetros que separam Cuiabá do Amazonas eram "terra proibida". As expedições de caça do guaraná duravam até seis meses. Agora, o trajeto é duro – 1.780 quilômetros, a maioria sem asfalto – mas se faz por estrada. [...] Contemplo a estrada, sua pele escura: caminhonetes carregam tábuas de madeira, troncos; alguma carroça precária puxada por burros; motos, carros com vidros escuros, bicicletas, gente caminhando... De repente aparece um caminhão trazendo uma imensa escavadeira da marca Komatsu.